

LEITE, Ana Mafalda. *Outras fronteiras: fragmentos de narrativa*. São Paulo: Kapulana, 2017. 80p.

LUARA PINTO MINUZZI

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.



Ana Mafalda Leite escreve acerca de identidades híbridas e movediças em seus livros teóricos sobre as literaturas africanas, como em *Oralidades e escritas pós-coloniais*: estudos sobre literaturas africanas. Estudando as literaturas dos países africanos que foram colonizados por Portugal, como as de Moçambique e de Angola, essa reflexão acerca do que as identifica torna-se muito importante. Tal importância cresce devido à recente descolonização dessas nações, aos inúmeros anos seguidos de guerras que as desestabilizaram e à necessidade de elas se firmarem enquanto independentes não apenas politicamente, mas também social e culturalmente. Leite, porém, não apenas trata desse assunto em seus escritos teóricos: em seu mais novo livro de poemas, *Outras fronteiras: fragmentos de narrativas* (2017), publicado pela editora Kapulana, a questão da identidade igualmente surge. Surge, entretanto, de uma forma distinta: o leitor pode identificá-lo em meio a cores vivas e ricas, a elementos da natureza, à poeticidade e ao trabalho estético da palavra.

O volume divide-se em quatro partes: “Como se a manhã do tempo despertasse”, “Poemas de Moatize”, “Outras fronteiras: fragmentos de narrativas” e “O Índico em Marrakesh”. É claro que os poemas, extremamente plásticos e visuais, não versam apenas sobre a questão da identidade; apesar disso, essa parece ser uma temática recorrente em cada uma das seções, apresentando-se, em cada uma, a partir de aspectos e de nuances distintas.

Na primeira, “Como se a manhã do tempo despertasse”, no poema com o mesmo título, o eu lírico questiona-se sobre “os lugares de onde fala esta voz” (LEITE, 2017, p. 10). Depois, há o diálogo com outra pessoa, que afirma ser o eu lírico “uma paisagem com uma janela dentro” e “uma personagem que se desdobra. Sem nome” (ibidem, p. 10). Essa incerteza ou indefinição da personalidade surge em outros poemas: “Sou astral e sou oriente”, “me lanço no avesso das identidade” e “estou em casa sempre” (ibidem, p. 35), em “Fronteiras, de que lado pergunto-me”, da seção que dá título à obra; “encontrar-me sem onde” (ibidem, p. 54) e “em nossas

diversas geografias” (ibidem, p. 71), de poemas da última parte, “O Índico em Marrakesh”. Em muitos momentos, o eu lírico mostra não saber direito quem é ou a que lado pertence – e ainda mostra não se importar ou se preocupar muito com essa incerteza, como se essa incerteza fosse a sua própria identidade, definindo-a pela indefinição.

Por isso, por essa indefinição, há uma palavra que surge inúmeras vezes, que está, inclusive, no título do livro e que é essencial para a compreensão dos poemas e talvez de uma ideia que posso uni-los: fronteiras. Em “Poemas do Nyau, a grande dança”, por exemplo, o eu lírico é a Máscara Kapoli, que afirma: “sou eu a fronteira o visto de entrada” (LEITE, 2017, p. 28). Essa fronteira de que se fala é a fronteira entre o mundo dos vivos e dos mortos e esse caminho é conduzido pelo espírito mascarado. Tal espírito encontra-se, portanto, no limiar, ele é o “espírito do portal” (ibidem, p. 28), podendo pertencer a duas terras e a duas naturezas.

Já em “Fronteiras, de que lado pergunto-me”, o título destaca o vocábulo e sua construção permite várias interpretações. Uma delas pode ser a seguinte: o eu lírico questiona a si mesmo – ou seja, questiona seu próprio eu, sua própria identidade – e questiona de que lado da fronteira ele está ou deveria estar se questionando – e essa dúvida sobre o local da fala faz parte da dúvida sobre o ser. No poema, é alertado: “não me procure nas fronteiras que não tenho” (ibidem, p. 35). E o eu lírico afirma: “estou em casa sempre” (ibidem, p. 35). Essas fronteiras de que se fala são fronteiras geográficas – não pertencem a lugar algum ou pertencem a todos os lugares, como a sensação de sempre estar em casa aponta. Porém, podem ser metafóricas, quando se mencionam “mapas úteros ainda mais recônditos” (ibidem, p. 36) – os mapas dessas fronteiras que não necessariamente correspondem aos limites estabelecidos de cidades e de países e que, como a própria palavra já diz, limitam; limites que são limites definidos por motivos pessoais, interiores, que vêm lá das origens.

Em “Outras viagens, outras fronteiras”, mencionam-se “fronteiras entre os rios conhecidos e os ocultos”



(*ibidem*, p. 41) e se avisa: “não se pode assim entrar / em terras que têm outros rios outros xicuembos e outras fronteiras” (*ibidem*, p. 42). Já em “Entretanto eu dormia”, mencionam-se “espaços outros sem fronteiras” (*ibidem*, p. 56). Assim, há uma oscilação entre a afirmação de que existem fronteiras que devem ser respeitadas e a de que há espaços sem fronteiras. Mas, na verdade, essa contradição é apenas aparente. As fronteiras de que se fala nos primeiros versos não são rígidas e apenas mostram a existência de particularidades entre as culturas que precisam ser respeitadas – ainda mais quando se trata do tão desvalorizado e inferiorizado continente africano e da necessidade de se reafirmar dos povos tão distintos e, ao mesmo tempo, visto pelos de fora de maneira tão homogênea. Já as fronteiras do segundo verso, dos espaços sem fronteira, pode se referir à possibilidade de, com respeito e conhecimento, compreender e viver culturas distintas.

Além de se falar em fronteiras, fala-se igualmente de instrumentos que medem ou que orientam no espaço – e em como eles não funcionam da forma como se esperava. No poema “O telescópio e a bússola do astrónomo paulista Lacerda e Almeida”, conta-se a história do personagem cujo nome já está no título: Francisco José de Lacerda e Almeida foi um explorador do século XVIII, que percorreu grande parte da América do Sul e foi para África, onde andou por Moçambique e pela Zâmbia. Há uma quebra de expectativa no poema, pois as características do título, bastante objetivo e informativo, não seguem ao longo da poesia e a viagem de Lacerda e Almeida descrita é muito mais uma viagem interior do que uma viagem por Tete. A indefinição de sua aventura por terras africanas aparece nos seguintes versos:

A escuridão da noite ecoando um céu infinito
pontilhado de luzes e uma terra
sem
fronteiras
pensou no teodolito, no sextante e na bússola que
dormiam sem direcção
o oriente oculto pela obscura densidade do sertão
tão diferente daquele outro dos indígenas de
mato grosso
De que valiam as minuciosas observações
geográficas do naturalista?
Batendo o som dos tambores batia seu coração
sem rumo (LEITE, 2017, p. 37-38).

A ciência, a razão, a explicação lógica de nada valiam para entender um mundo completamente diferente do seu. Por isso, seus instrumentos, invenções para medir e classificar o espaço de forma precisa, deixam de funcionar, parecem estar dormindo – e não dormindo de qualquer jeito, mas dormindo sem direcção, o que é bastante curioso

em invenções cujo fim é precisamente indicar a direcção correta a seguir. Dessa forma, o leitor percebe que o personagem está sem rumo – literal e metaforicamente. Outras expressões que remetem à localização no espaço ajudam a construir a atmosfera de perda: “coração sem rumo” e as observações geográficas minuciosas que não valem para nada naquele local.

A mesma imagem surge em “Os itinerários sem mapas”: “Eu com a bússola e o teodolito as régua / as barras magnéticas e o sextante / sinto-me perdido” (LEITE, 2017, p. 48). Depois, o eu lírico ainda conta que “os mapas irão perder-se comigo algures por estes descaminhos” (*ibidem*, p. 49). Aqui, além dos instrumentos que determinam a localização no espaço, como a bússola e as régua, ainda surgem os mapas – que, nesse caso, não indicam caminho algum ou indicam todos os caminhos possíveis, sem definir uma trajetória e um rumo. Os itinerários não são mostrados em mapas e os caminhos transformam-se em descaminhos. Isso ocorre por conta das dificuldades da jornada (a falta de comida e a falta de compromisso dos línguas em traduzir corretamente as informações para o personagem, as doenças) ou por conta da incompreensão daquelas culturas diferentes. Essa última perda de rumo é, portanto, metafórica e se refere ao “grande e insondável mistério” que era “essa outra viagem” (*ibidem*, p. 37).

A questão da identidade – e da identidade africana e, especificadamente, moçambicana – ainda surge com outra configuração: a partir do resgate do passado histórico e mítico desse país. Na parte “Poemas de Moatize”, há dois textos em especial que retomam e reinventam mitos e lendas: “A lenda da criação” e “Quando camaleão e deus deixaram a terra”. No primeiro, como o título aponta, discorre-se acerca da criação do mundo: “No princípio havia a chauta (deus) e a terra parada” (*ibidem*, p. 26). É curioso notar que o início é similar ao da bíblia, mas se fala em um deus chamado chauta e a forma como ocorre a criação também é bastante distinta da tradição católica: é a chuva que leva consigo para a terra o homem e os animais. Portanto, há uma mistura de crenças e tradições típica de um local em que povos distintos conviveram, mesmo que forçadamente. Já no segundo, narra-se o fato de como deus vivia entre os homens e de como ele deixou de viver depois que o homem descobriu o fogo e acabou queimando toda a floresta.

Já em “Outras fronteiras: fragmentos de narrativas”, há vários poemas que resgatam figuras e momentos históricos, como a já mencionada viagem de Lacerda e Almeida por Tete, no final do século XVIII, em “O telescópio e a bússola do astrónomo paulista Lacerda e Almeida”, em “Fragmentos do diário de Lacerda e Almeida sobre Tete”, em “As insondáveis viagens” e em “Nota biográfica de Lacerda e Almeida”; a vida de uma

dona, categoria social de mulheres donas de terra e com muito poder, chamada Dona Francisca Josefa de Moura e Meneses, em “Benga: o leque de Dona Francisca de Moura e Meneses” e em “Fala de Chiponda, a senhora que tudo pisa com os pés”. Mais uma vez, pessoas de origens diferentes – um brasileiro e uma moçambicana, no caso – são os personagens do que acaba se transformando em um mosaico da história de Moçambique no século XVIII. Os títulos remetem ao caráter informativo dos poemas que, mesmo com essa característica, não perdem em poeticidade e lirismo.

Além disso, em “O Índico em Marrakesh”, há inúmeras menções à cultura árabe e a essa cidade do Marrocos: Alah, almuaden, Kutub, Koutobia. Outros elementos remetem a esse mundo: tâmara, incenso, especiarias. Apesar da alusão a um outro país que não Moçambique, também é possível pensar, a partir desses poemas, sobre a influência árabe na nação da África subsaariana. E, se a literatura moçambicana costuma representar o sul, de maioria católica, com muito mais frequência do que o norte, com maior presença muçulmana, os poemas de Ana Mafalda Leite quebram esse paradigma e apresentam outro lado do país – um lado quase sempre esquecido, desvalorizado, mas igualmente importante para compor a identidade da nação. Mesmo que a quase ausência de representação da cultura árabe na literatura moçambicana não seja discutida nos poemas, há diversas expressões e versos que poderiam se referir a esse lado mais escondido e encontrado justamente nesses textos: “Minha alma estremeceu e dou-te a mão. Parece que encontrei um caminho” (LEITE, 2017, p. 59); “que eu provo contigo desde sempre um outro oriente” (ibidem, p. 67); “em nossas diversas geografias e em nós dois reencontrada” (ibidem, p. 71). Há muitas referências sobre algo perdido e finalmente encontrado e de pessoas que pertencem a mais de algum local e tudo isso pode remeter a essa riqueza cultural de Moçambique.

Um último elemento que remete à origem e à identidade é o resgate, em alguns poemas de “Poemas de Moatize”, de uma suposta infância passada em Tete.

O primeiro poema da sessão é “Moatize: onde tudo começa”. Não há menções diretas ao ser criança nesse texto, mas há a memória de pessoas com quem o eu lírico afirma sempre ter estado – a família? os pais? Além disso, o título pode remeter a esse período inicial da vida, quando tudo começaria e Moatize seria o lugar onde desse início. Claro que essa não é a única interpretação possível do poema, mas a leitura de um outro, “Moatize: casa sem número ou a inumerável casa”, poderia ser relacionada com esse início. Essa casa não só não tem número, como ainda não pode ser numerada – e essa impossibilidade de conferir uma numeração a ela pode indicar o fato de ela ser a casa da infância, que existe na memória, mas não mais no plano do concreto e do real. Passou de casa-construção para casa-afeto e casa-memória. Por isso que, na varanda da casa, o eu lírico é capaz de percorrer o universo e de misturar elementos que a mente adulta e mais cartesiana prefere manter separadas: “misturo tudo nesta infância sem trégua / a noite com o dia a chuva com a queimada / o cheiro do leite queimado com o da terra gemendo” (LEITE, 2017, p. 24).

A identidade trabalhada em *Outras fronteiras*: fragmentos de narrativa seria melhor descrita como identidades. Os poemas falam de um país, Moçambique, que, apesar das fronteiras físicas e políticas, é melhor pensado e definido como não possuindo outros tipos de fronteiras metafóricas – as culturais, por exemplo. Moçambique é uma mistura de elementos vindos de lugares e povos diferentes, como nos mostram os poemas: há aspectos árabes, há influência brasileira, há muito dos povos autóctones. O que não há é fixidez quando se fala da identidade moçambicana.

Autora:

LUARA PINTO MINUZZI
Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
luarapm@gmail.com

Recebido: 20/06/2017
Aprovado: 13/07/2017